

RECADO DE PARIS

PARIS, maio — Felix Arvers é na França o que Júlio Salusse é no Brasil: o homem que ficou sendo "o homem daquele soneto". No Brasil há muita gente que não se lembra do nome do autor dos "Cisnes", mas Arvers teve mais sorte: seu soneto é conhecido como "o soneto de Arvers".

Este ano marca o primeiro centenário da morte de Arvers. Pequenas notas nos jornais literários — e uma cerimônia no vilarejo em que êle foi enterrado.

Depois de Gide e Collette é Blaise Cendrars que faz confissões e dá paipites pelo rádio, em quinze emissões consecutivas. Diz, entre outras coisas, que detesta o seu officio de escritor. E que os pintores estão atrasados cinqüenta anos em relação aos poetas: ainda não atingiram a visão de Rimbaud.

• • •

Depois de vinte anos André Siegfried retoma sua cátedra na "Fundação Nacional de Ciências Políticas" e sua primeira aula teve uma tal assistência que êle será obrigado a repeti-la pelo microfone.

• • •

Vai aparecer um livro novo de Paul Valery, na Gallimard, sob o título "Histoires brisées". O último número do "Figaro Littéraire" publica três pequenos contos cedidos pela viuva Valery. Não chegam a ser contos, são idéias ou sugestões para possíveis contos.

No pequeno prefácio que tinha preparado para essa edição, Valery confessa sua perplexidade diante do problema de fazer uma novela ou romance.

"Todo romance pode receber um ou diversos desfechos completamente diferentes do que o autor oferece; mas é muito mais difícil ao leitor modificar à vontade um poema bem executado. Essa sensação das possibilidades, muito forte em mim, sempre me desviou do caminho da narrativa, e olho os rios que fluem com a admiração de um homem para quem a contemplação e a análise de um copo d'água bastam para absorver o tempo e a curiosidade."

16.5.50

R. B.

O fim, sem mudança

RN agosto 79
nº 40